

# As edições do cânone

## **Universidade Federal Fluminense**

REITOR

Sidney Luiz de Matos Mello

VICE-REITOR

Antonio Claudio Lucas da Nóbrega

## **Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense**

CONSELHO EDITORIAL

Aníbal Francisco Alves Bragança (presidente)

Antônio Amaral Serra

Carlos Walter Porto-Gonçalves

Charles Freitas Pessanha

Guilherme Pereira das Neves

João Luiz Vieira

Laura Cavalcante Padilha

Luiz de Gonzaga Gawryszewski

Marlice Nazareth Soares de Azevedo

Nanci Gonçalves da Nóbrega

Roberto Kant de Lima

Túlio Batista Franco

DIRETOR

Aníbal Francisco Alves Bragança

André Carlos Furtado

## As edições do cânone

Da fase buarqueana na coleção  
*História Geral da Civilização Brasileira*  
(1960-1972)



Copyright © 2014 André Carlos Furtado  
Copyright © 2016 Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense

Nova Biblioteca, 2

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da editora.

Direitos desta edição cedidos à  
**Eduff - Editora da Universidade Federal Fluminense**  
Rua Miguel de Frias, 9, anexo/sobreloja - Icaraí - Niterói/RJ  
CEP 24220-008, Brasil  
Tel.: +55 21 2629-5287 Fax.: +55 21 2629-5288  
[www.eduff.uff.br](http://www.eduff.uff.br) - [faleconosco@eduff.uff.br](mailto:faleconosco@eduff.uff.br)

Impresso no Brasil, 2016

Foi feito o depósito legal.

*Certamente não existem considerações, por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo e do domínio em que realizo uma investigação. Esta marca é indelével. No discurso onde enceno as questões globais, ela terá a forma do idiotismo: meu dialeto representa minha relação com um lugar. Mas o gesto que liga as “ideias” aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador.*

Michel de Certeau



*Entre as marcas indeléveis que permeiam este trabalho há o nome de muitos e qualquer tentativa de listar todas as pessoas seria mero devaneio. Por isso, o dedico a Carlos e Elisete Furtado, à Cristina Ferreira, à Giselle Venancio e ao Bruno Silva, pois são representativos do mundo que me cerca e me faz feliz.*





# Sumário

Prefácio, Giselle Martins Venancio | 11

Introdução | 15

A morte de Sérgio Buarque de Holanda e as homenagens póstumas: monumentalização intelectual, política, história e memória | 31

Coleção *História Geral da Civilização Brasileira* (HGCB): organização interna, especialização acadêmica, disputas letradas e editoriais | 77

Estratégias de distinção e as marcas indelévels dos livros: concorrências, recepção, polêmicas e apropriações da HGCB | 119

*Do Império à República* e o término da fase Buarqueana: renovação de teses, embates finais, democracia e civilização | 163

Conclusão | 207

Referências | 225

Lista de abreviaturas | 259



## Prefácio

# Um Sérgio Buarque que não se vende por aí...

**E**m entrevista à revista *Veja*, da editora Abril, em maio de 1994, afirmou Wanderley Guilherme dos Santos ao se referir a Sérgio Buarque de Holanda: “O Sérgio da *História Geral da Civilização Brasileira* é muito bom, mas não é esse que se vende por aí.” Polêmicas à parte, pois sempre vai haver quem diga que o bom é o Sérgio de *Raízes do Brasil* ou o de *Visão do paraíso*, é este autor, que não “se vende por aí”, o investigado nesta obra escrita por André Carlos Furtado, originariamente sua dissertação de mestrado em História na Universidade Federal Fluminense (UFF), vitoriosa de um dos prêmios do Concurso Biblioteca Eduff, em 2014.

São inúmeras as novidades apresentadas neste livro que trata de um intelectual já amplamente visitado pela escrita histórica brasileira. A começar pelo próprio conceito de historiografia mobilizado por seu autor. Ao indicá-lo não apenas como um conjunto de escritos produzidos segundo normas de determinado grupo em época e lugar delimitados; mas também como objeto, do qual é preciso atentar para suas formas de organização e ressonâncias; e como fonte que permite acessar os ecos de outros tempos, André Furtado investiga os processos de monumentalização da produção de Buarque de Holanda por meio de caminhos novos que envolvem não apenas os textos escritos pelo autor e seus críticos, mas, particularmente, os registros documentais depositados em diversos arquivos. Destaca-se, então, o acervo do arquivo Sérgio Buarque de Holanda (SBH), sediado na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), onde estão depositadas necessárias

referências fragmentárias através das quais a história da obra do autor também se escreve.

Com esses materiais dispersos encontrados neste e em outros vários acervos, André compõe um mosaico que vai tornando Sérgio Buarque visível em uma dimensão complexa e múltipla, pouco presente nos estudos sobre o autor.

Com um texto claro e de rara beleza nos estudos acadêmicos, André Furtado, neste seu livro de estreia, perscruta os modos por meio dos quais Sérgio Buarque tornou-se uma referência necessária para a historiografia contemporânea brasileira, investigando não apenas o processo de consagração que em torno dele se constituiu, mas também os modos pelos quais o ofício de historiador no Brasil se institucionalizou e se especializou.

O original capítulo que abre o livro, sobre as homenagens póstumas prestadas a Sérgio Buarque no momento de sua morte, articula uma enorme gama de documentos que envolve desde jornais e cartas, depositados no Fundo “SBH” Siarq-UNICAMP, a crônicas de diversos autores, peças e músicas de Chico Buarque de Holanda. Nesta trama, André tece um texto que associa Sérgio, Chico Buarque, intelectuais de esquerda, críticas ao regime militar e fundação do Partido dos Trabalhadores (PT). Morte, velório, enterro e cerimônias de despedida ganham contornos que conformam a investigação sobre as vias de reconhecimento intelectual e de monumentalização do nome e da obra de Buarque de Holanda numa fina análise dos usos políticos e históricos da retórica da perda.

Os três capítulos seguintes, especificamente focados na coleção *História Geral da Civilização Brasileira*, são uma contribuição fundamental para os estudiosos que se dedicam às análises de coleções. Por meio da investigação dos volumes, títulos e autores, o autor desenvolve uma interessante metodologia que permite compreender esta coleção que, sem dúvida, contribuiu pra (re)ordenar as narrativas sobre o passado brasileiro. Utilizando documentação inédita e pouco visitada pelos estudiosos, André sugere criativos usos históricos de documentos tais como os anais da Associação Nacional de

Professores Universitários de História (ANPUH) e as resenhas críticas dos livros de Sérgio Buarque de Holanda.

Ao mobilizar uma numerosa bibliografia crítica, o texto de André Carlos Furtado traça a trajetória intelectual de Sérgio Buarque de Holanda, sem se deixar enveredar pelo “simulacro da integridade individual”. Atento ao fato de que a história é também feita de incertezas, como propõe Giovanni Levi – pois as ações humanas não são derivadas apenas de atos racionais e objetivos –, André observa finamente os limites das fontes, alertando para o fato de que estas não podem ser lidas como “passaporte direto às temporalidades pretéritas”.

Assim, seguindo a trilha aberta por Sérgio Buarque, no século XX, André Furtado vem se tornando, nesse início de século XXI, um dos mais criativos e eruditos historiadores de sua geração. Este livro é até o momento o seu melhor testemunho. Nele, desvenda-se Sérgio Buarque de Holanda, intelectual, mostra-se André Carlos Furtado, historiador. Sua leitura, além de instigante e sugestiva, é, posso garantir, original e extremamente prazerosa.

*Giselle Martins Venancio*  
*Universidade Federal Fluminense*



## Introdução

M al as instituições de nível superior tinham sido criadas no Brasil ou gerado os primeiros frutos acadêmicos no país, Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), então historiógrafo do Museu Paulista e crítico literário dos jornais *Diário Carioca* (RJ) e *Folha da Manhã* (SP),<sup>1</sup> clamava pela escrita de uma história nacional com a contribuição de diferentes especialistas. No reclame, surgido ao menos desde o artigo denominado *O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos*, impresso originalmente em junho de 1951, apontou a necessidade de dedicação aos estudos sobre o passado, mas não por intermédio de “sínteses onde o particular tende a esfumar-se e a perder-se em proveito de alguma ilusória visão de conjunto”.<sup>2</sup> Assim, defendia a pesquisa das especificidades.

Mirada à tradição brasileira de narrar a história colonial e imperial, oriunda de órgãos como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a Academia Brasileira de Letras (ABL) e seus respectivos congêneres estaduais, tal fala pode ser vista como autocrítica a sua obra de estreia. Publicada em 1936<sup>3</sup> pela José Olympio Editora, como o primeiro volume

---

<sup>1</sup> Série: Vida Pessoal. 42 – Nomeação de SBH, como Historiógrafo do Museu Paulista. São Paulo, 28 jan. 1947. c.as. 1p. Vp 42 P1. Fundo Sérgio Buarque de Holanda (SBH). Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas (Siarq-UNICAMP) & COSTA, Marcos (org.). *Sérgio Buarque de Holanda: escritos coligidos*. São Paulo: Perseu Abramo / UNESP, 2011, v. 1, p. 593.

<sup>2</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. O pensamento histórico no Brasil nos últimos 50 anos (publicado originalmente no *Correio da Manhã* – RJ, sob o título de “Cultura brasileira”, em 15 de junho de 1951). In: EUGÊNIO, João Kennedy; MONTEIRO, Pedro Meira (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: perspectivas*. Campinas: Ed. UNICAMP / Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008, p. 614.

<sup>3</sup> NOGUEIRA, Arlinda Rocha et. al. (orgs.). *Sérgio Buarque de Holanda: vida e obra*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura / USP / Instituto de Estudos Brasileiros, 1988, p. 124.

da coleção *Documentos Brasileiros*,<sup>4</sup> *Raízes do Brasil*,<sup>5</sup> como o texto foi intitulado, também não escapou às conclusões de caráter generalizante. Além disso, em geral a bibliografia de cunho interpretativo existente à época era carregada de fortes traços ensaísticos, como o intelectual sinalizou em diversas ocasiões anteriores ou contemporâneas ao balanço de 1951. No prefácio à segunda edição do livro (1948), manifestou as modificações com que saía a versão, pois escreveu que “Reproduzi-lo em sua forma originária, sem qualquer retoque, seria reeditar *opiniões* e pensamentos que em muitos pontos deixaram de satisfazer-me”.<sup>6</sup> No artigo denominado *Para uma nova história* (1950), afirmou que tal qual o aprimoramento do âmbito literário, no historiográfico “parece registrar-se, na aparência, uma correspondente purificação, com o declínio dos trabalhos, sobretudo interpretativos em benefício da exposição objetiva e amplamente documentada”.<sup>7</sup>

Em sentido semelhante, ainda no texto de título ambicioso, sobre a produção intelectual brasileira da primeira metade do século XX, sentenciou:

A bibliografia histórica do decênio de 30 é largamente ocupada por escritos onde a interpretação elucidativa, e às vezes interessada e mesmo deformadora dos fatos, visa explicar tais fatos ou a caracterizá-los em sua configuração especificamente nacional.<sup>8</sup>

Por isso, pode-se dizer que, em sua visão, era preciso descredenciar os trabalhos de caráter totalizante, em benefício de perspectivas atentas às singularidades e à regionalização das

---

<sup>4</sup> SORÁ, Gustavo. *Brasilianas: José Olympio e a gênese do mercado editorial brasileiro*. São Paulo: Edusp / Com-Arte, 2010.

<sup>5</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 1).

<sup>6</sup> \_\_\_\_\_. *Raízes do Brasil*. 4. ed. Brasília: EDUnB, 1963, p. XV. (Coleção Biblioteca Básica Brasileira, v. 10). [grifo meu].

<sup>7</sup> \_\_\_\_\_. Por uma nova história. In: *Folha da manhã*, São Paulo, p. 2, 26 jul. 1950. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/07/26/1/>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2013.

<sup>8</sup> \_\_\_\_\_. op. cit., [1951] 2008, p. 611.



investigações sobre o passado. Logo, por mais que nos casos supracitados o autor tecesse crítica direta ao que entendia por sínteses responsáveis pela ilusória visão de conjunto na escrita da História do Brasil, escreveu igualmente que, no conjunto, a bibliografia produzida, inclusive a de natureza estritamente compilatória de fontes históricas, dera passos decisivos para a ampliação de horizontes. Após citar o nome de Capistrano de Abreu como predecessor seminal do referido pensamento histórico, sabedor como o “grande mestre moderno – Marc Bloch – que toda pesquisa histórica supõe, [...], que o inquérito tenha uma direção definida”,<sup>9</sup> Buarque de Holanda seguiu com a exposição temática e cronológica dos estudos publicados até o período.

Assim, embora, em alguns casos, alocasse um e outro sob apreciação pouco elogiosa, depois de mencionar as autorias de Afonso Taunay, Oliveira Vianna, Gilberto Freyre, Afonso Arinos, Nelson Werneck Sodré, Arthur Cezar Ferreira Reis, Caio Prado Júnior e Alice Piffer Canabrava como nomes de trabalhos essenciais, o artigo de 1951 foi finalizado com referência a Fernando de Azevedo, educador e professor da Universidade de São Paulo (USP), que já despontava como instância decisiva para aperfeiçoar o fazer científico nacional em curso e em vias de franco estabelecimento.

Por esse motivo, a depuração mais desejada que empreendida sobre a tradição ensaística brasileira de escrita da História, meritória de louvores nos mais diversos domínios do conhecimento humano e cara às inúmeras coleções que surgiram na primeira metade do século XX,<sup>10</sup> irrompeu, justamente, nos anos de 1950. A tal ponto que o balanço de Sérgio Buarque já foi apontado como indício eloquente da “crise e esgotamento do gênero ensaístico”.<sup>11</sup> Mesmo porque, segundo estudos sobre

---

<sup>9</sup> Idem, p. 602.

<sup>10</sup> HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: Edusp, 1985.

<sup>11</sup> PEREIRA, Mateus Henrique de Faria; SANTOS, Pedro Afonso Cristovão dos. Odisseias do conceito moderno de história: Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen, de Capistrano de Abreu, e o Pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos, de Sérgio Buarque de Holanda, revisitados. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, v. 50, p. 27-78, set./mar. 2010, p. 21.

o período, neste momento ocorreu a “emergência de um novo sistema intelectual”,<sup>12</sup> como consequência da instauração de instituições como a USP, fundada em 1934; e a Universidade do Distrito Federal (UDF), criada em 1935 no Rio de Janeiro, então capital do país, de modo que as críticas ao estilo partiram, não raro, exatamente do ambiente acadêmico. Dessa forma, os empreendimentos editoriais e as instituições de ensino superior figuravam como parte de um amplo espaço de intensa reflexão no Brasil dos anos 1930 a 1960.<sup>13</sup> Suas relações e motivações foram marcadas pela busca da compreensão da realidade nacional emanada, entre tantos intervenientes, das transformações pelas quais o país atravessou desde 1920, sob influxo do movimento modernista e sucessivo processo de nacionalização da cultura do governo Vargas.<sup>14</sup>

Em grande medida são os percursos de Buarque de Holanda em torno destes caminhos de institucionalização e especialização do ofício da História no Brasil, sobretudo, a partir da segunda metade do século XX, que aqui interessam de forma mais detida. Nestas contingências e ambientes, há sempre a forja de regras e dispositivos para permitir e limitar a produção dos sentidos<sup>15</sup> de determinado conjunto de textos. Estes são permeados pelo peculiar regime das práticas letradas e trocas intelectuais<sup>16</sup> inerentes à época na qual emergem sua feitura, usos e interpretações. Inspirados nessas reflexões, os presentes intentos visam compreender parte da constituição de Sérgio Buarque de Holanda como cânone dos estudos históricos nacionais. Não só porque seus livros são leitura quase obrigatória

---

<sup>12</sup> PONTES, Heloisa. Retratos do Brasil: editores, editoras e “coleções brasileiras” nas décadas de 30, 40 e 50. In: MICELI, Sérgio (org.). *História das ciências sociais no Brasil*. São Paulo: Vértice / Finep / Idesp, 1989, v. 1, p. 394.

<sup>13</sup> MICELI, Sérgio. Por uma sociologia das ciências sociais. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 1989, p. 12.

<sup>14</sup> OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Sinais da modernidade na era Vargas: vida literária, cinema e rádio. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (orgs.). *O Brasil republicano: o tempo do nacional-estatismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, v. 2, p. 328.

<sup>15</sup> CHARTIER, Roger. *Escribir las prácticas: discursos, práctica, representación*. Valencia: Fundación Cañada Blanch, 1999.

<sup>16</sup> GINZBURG, Carlo. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

na maioria das universidades do país, como a de *Raízes do Brasil*, que “sempre foi objeto de discussão nos cursos de história”,<sup>17</sup> mas também devido à permanência de interesse comercial mantido por sua obra há mais de sete décadas, ainda a exemplo deste último texto, então na 26ª edição pela Companhia das Letras.<sup>18</sup> Não por outros motivos, a noção de *cânone* é entendida como um vínculo que sujeita, une e identifica os indivíduos por meio de relações com elementos de natureza político-institucional para ser declarado, imposto<sup>19</sup> e, neste caso, sustentado.

Muitos intervenientes atuaram nesta construção. O primeiro deles diz respeito às leituras e releituras lançadas sobre a obra de Sérgio Buarque, a corroborar, por exemplo, com a ideia de *clássico de nasença* para o livro *Raízes do Brasil*, expressada pela primeira vez na década de 1960, no sentido que hoje se fala do texto. Antes dessa data, o emprego do termo era feito mais pelo fato de se tratar da obra inauguradora da coleção *Documentos Brasileiros* do que em referência à síntese da História pátria ali condensada por Buarque de Holanda. Além disso, vale destacar as homenagens póstumas que recebeu, em 1982, todas marcadas, naturalmente, tanto por sentimentos de pesar quanto pelo enaltecimento de suas qualidades e erudição. Por fim, mas não menos importante ao processo final de sua monumentalização, a salvaguarda do acervo particular, sob o signo de inúmeros atos biográficos<sup>20</sup> que este conjunto de ações para o recolhimento dos vestígios letrados do titular contou ainda na década de 1980, foi decisiva e fundamental.

Em torno desses eixos, a eficácia das representações de sua autoridade foi moldada a um só tempo como fruto da vasta e valorosa produção intelectual que legou, bem como resultado da atuação, vínculo institucional estabelecido com a USP – onde

---

<sup>17</sup> VAINFAS, Ronaldo. História das mentalidades e história cultural. In: \_\_\_\_\_; CARDOSO, Ciro Flamarion (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 237.

<sup>18</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

<sup>19</sup> BAPTISTA, Abel Barros. *O livro agreste: ensaio de curso de literatura brasileira*. Campinas: Editora UNICAMP, 2005.

<sup>20</sup> GOMES, Ângela de Castro (org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

permaneceu como professor catedrático entre 1958 e 1969 – e tomada de posição nos últimos anos de sua vida. Ao atentar para as condições de produção do conhecimento histórico pelo traço de Sérgio Buarque, o conceito de *historiografia* aqui compreendido o vê como resultado “de disputas entre memórias, de forma a compreendê-la como parte das lutas travadas nas sociedades para dar significado ao mundo”.<sup>21</sup>

Via de regra, o *boom* dos trabalhos sobre Sérgio Buarque é localizado nos anos 1980,<sup>22</sup> após sua morte, embora a historiadora Laura de Mello e Souza enfatize seu firmamento na década seguinte,<sup>23</sup> em face de diversos fatores, entre os quais se incluem: publicações de obras póstumas inconclusas;<sup>24</sup> edições de escritos esparsos<sup>25</sup> ou de textos de crítica literária;<sup>26</sup> retomada de alguns livros pela história ambiental;<sup>27</sup> e a disputa entre USP e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), pelo acervo e biblioteca particulares de Sérgio Buarque, vencida por esta última, em 1983.<sup>28</sup> De todo modo, é quase debate vencido a referência dos principais incentivadores dos estudos sobre o

---

<sup>21</sup> GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. A cultura histórica oitocentista: a constituição de uma memória disciplinar. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). *História cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2003, p. 23-24.

<sup>22</sup> MONTEIRO, Pedro Meira; EUGÊNIO, João Kennedy. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (orgs.), op. cit., 2008, p. 10.

<sup>23</sup> SOUZA, Laura de Mello e. Prefácio. In: NICODEMO, Thiago Lima. *Urdidura do vivido: Visão do paraíso e a obra de Sérgio Buarque de Holanda nos anos 1950*. São Paulo: Edusp, 2008, p. 15.

<sup>24</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *O extremo oeste* [póstumo]. São Paulo: Brasiliense, 1986; \_\_\_\_\_. *Capítulos de literatura colonial* [póstumo] (organização e introdução por Antonio Candido). São Paulo: Brasiliense, 1991; \_\_\_\_\_. *Capítulos de história do Império* [póstumo] (organização e introdução por Fernando Novais). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

<sup>25</sup> \_\_\_\_\_. *Livro dos prefácios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>26</sup> PRADO, Antonio Arnoni (org.). *O espírito e a letra: estudos e crítica literária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996; BARBOSA, Francisco de Assis (org.). *Raízes de Sérgio Buarque de Holanda*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1989; COSTA (org.), op. cit., 2011.

<sup>27</sup> SECRETTO, María Verónica. Capistrano de Abreu e J. F. Turner: a história nacional e a história ambiental. *Estudos, sociedade e agricultura*. Rio de Janeiro: UFRJ, v. 14, p. 236-253, 2006.

<sup>28</sup> Série: Homenagens Póstumas. 2497 – Carta de José Sebastião Witter a Maria Amélia Buarque de Holanda, comunicando que enviou à USP e à UNICAMP, correspondência sobre a aquisição do acervo de SBH. São Paulo, 31 de maio de 1983. as.ileg. 1p (orig. ms.) Hp 14 P75. Fundo SBH. Siarq-UNICAMP.

autor nos anos 1990, a saber, os literatos Antonio Candido e Antonio Arnoni Prado. Inicialmente, se faz isso em virtude dos livros que organizaram, respectivamente, obra póstuma e reunião de artigos publicados em periódicos; mas, conforme aponta o historiador Fernando Novais, por suas análises e leituras que engrandeceram a visibilidade e a compreensão sobre os escritos de Sérgio Buarque.<sup>29</sup>

Neste percurso, muito papel e tinta já foram usados e se chegou até a feitura de documentário, que qualifica seus textos como crítica literária e, à medida que se avança cronologicamente na avaliação das publicações, como historiográficos. As obras coletivas reúnem estudos de diferentes ramos do saber, mas, em especial, da Literatura e da História. Seus autores são unânimes em afirmar a necessidade de análises da produção intelectual de Sérgio Buarque, majoritariamente com justificativas acerca de sua qualidade. Sobre a primeira legenda, seus intérpretes alegam que a vultosa atividade do autor junto aos periódicos pode servir aos interessados em estudar seu pensamento e compreender a “dinâmica da realidade brasileira”,<sup>30</sup> pois seus escritos se encontram hoje, “de maneira quase unânime”,<sup>31</sup> entre os clássicos das Ciências Humanas. Este resultado advém da merecida importância que lhe foi conferida por seus intérpretes, mas cujo incansável trabalho sobrepôs a obra ao homem, em prejuízo das pesquisas de regiões inexploradas de sua trajetória, passíveis de apontar as ambiguidades humanas.

Já as interpretações que privilegiam sua faceta histórica, a enaltecem ao analisá-lo como catedrático da USP, entre 1958 e 1969. Os dois anos são importantes para seu percurso, pois em 1958 assumiu a referida posição acadêmica via apresentação e defesa da tese *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*, publicada no ano seguinte;<sup>32</sup> e, em 1969, uma década após a primeira edição,

---

<sup>29</sup> NOVAIS, Fernando. Nota introdutória. In: HOLANDA, op. cit., 2010, p. 8-9.

<sup>30</sup> COSTA, Marcos. Apresentação. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 2011, p. XIII.

<sup>31</sup> PÉCORA, Alcir. A importância de ser prudente. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (orgs.), op. cit., 2008, p. 23.

<sup>32</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. (Coleção

saiu a segunda. Esta foi reimpressa na coleção *Brasiliana*,<sup>33</sup> da Companhia Editora Nacional – em coedição com a Editora da USP – e concorrente direta da *Documentos Brasileiros*, em cujo catálogo constava *Visão do paraíso*. Tal questão é importante, pois o historiador Ronaldo Vainfas aponta que o interesse por este escrito só foi suscitado pelo impacto causado por outra tese: “*O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, de Laura de Mello e Souza, em 1986, historiadora que lhe seguiu fielmente os passos, reinventando a problemática de Sérgio Buarque”.<sup>34</sup> Tal avaliação endossa as constatações sobre o nascedouro do interesse pelos escritos do intelectual entre 1980 e 1990. Porém, a autora supracitada observa certo esquecimento de *Visão do paraíso*, considerada a pesquisa favorita do autor.<sup>35</sup> No dizer de Mello e Souza, isso ocorre porque quando surgiu, nos anos 1950, a historiografia atentava mais aos aspectos econômicos, “em torno das obras de Caio Prado Jr. e de Celso Furtado”,<sup>36</sup> de modo que o texto sobre os mitos edênicos incitaria interesse apenas décadas depois.

Mas, apesar do atual entusiasmo acadêmico, Fernando Novais anota que, no campo da História,

os estudos têm se voltado predominantemente para as suas “fontes” de inspiração teórica (por exemplo, Max Weber), ou para a sua temática variegada (como a identificação dos “motivos edênicos” da colonização, em *Visão do Paraíso*).<sup>37</sup>

---

Documentos Brasileiros, v. 107).

<sup>33</sup> \_\_\_\_\_. *Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional / Edusp, 1969. (Coleção *Brasiliana*, v. 333).

<sup>34</sup> VAINFAS, Ronaldo. Sérgio Buarque de Holanda: historiador das representações mentais. In: CANDIDO, Antonio (org.). *Sérgio Buarque de Holanda e o Brasil*. São Paulo: Perseu Abramo, 1998, p. 56-57.

<sup>35</sup> SANTOS, Nelson Pereira dos. *Raízes do Brasil – Uma cinebiografia de Sérgio Buarque de Holanda*. São Paulo: Estação Filmes, 2003. 1 DVD (148 min).

<sup>36</sup> SOUZA, Laura de Mello e. Aspectos da historiografia da cultura sobre o Brasil colonial. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998, p. 28.

<sup>37</sup> NOVAIS, op. cit., 2010, p. 9.

Laura de Mello e Souza vai mais longe ao enfatizar que a prioridade das pesquisas recai sobre os temas da vida material e a expansão paulista, caros ao autor, e, “dentre seus escritos, o clássico *Raízes do Brasil*”.<sup>38</sup> Sem naturalizar o estatuto de monumentalidade à obra e em comparação com outros textos de Sérgio Buarque, o livro de 1936 é, de fato, aquele que recebe maior atenção.<sup>39</sup> Mesmo assim, este livro carece de avaliação apurada em virtude das diversas revisões, para analisar a instabilidade do escrito e as modificações sofridas pelo texto ao longo dessas quase oito décadas de sua existência. No mais, tais pesquisas também usam recorrentemente termos como *influência* (da experiência alemã, de Weber, do modernismo etc.) e acabam por hierarquizar o fluxo e impor uma direção às trocas intelectuais, como se o inverso não fosse possível, ou seja: refletir, por exemplo, sobre a contribuição que o modernismo recebeu de intelectuais como Sérgio Buarque (“Pensar em termos de influência embota o raciocínio e empobrece os meios de captar essas nuances mais sutis”.<sup>40</sup>).

Neste sentido, entre os motivos que levam a produção acadêmica a conferir maior relevo à obra *Raízes do Brasil*, pode-se elencar ao menos três razões: 1) por se tratar da primeira publicação de Buarque de Holanda em forma de livro, os estudos que situam um recorte temporal orientado

---

<sup>38</sup> SOUZA, op. cit., 2008, p. 15.

<sup>39</sup> Cf. DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Negação das negações. In: EUGÊNIO; MONTEIRO (orgs.), op. cit., 2008; MONTEIRO, Pedro Meira. *A queda do aventureiro: aventura, cordialidade e os novos tempos em Raízes do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1996; CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Raízes do Brasil, 1936: tradição, cultura e vida*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 1997; CASTRO, Conrado Pires de. *Com tradições e contradições: contribuição ao estudo das raízes modernistas no pensamento de Sérgio Buarque de Holanda*. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária). Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2002; REIS, José Carlos. Anos 1930: Sérgio Buarque de Holanda – a recusa das raízes ibéricas. *Tempos históricos*, Paraná, v. 1, n. 1, p. 102-130, 1999; DECCA, Edgar Salvadori de. Ensaio de nacionalidade: cordialidade, cidadania e desterro na obra de Sérgio Buarque de Holanda. *Locus*, Juiz de Fora, v. 12, n. 1, p. 145-159, 2006.

<sup>40</sup> BAXANDALL, Michael. Digressão contra a noção de influência. In: \_\_\_\_\_. *Padrões de intenção: a explicação histórica dos quadros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, p. 102.

pela inserção do autor no mundo editorial, ainda que não atentem para esta questão; 2) porque o texto se apresenta como síntese do país no rastro de impressos precedentes, tais como: *Retrato do Brasil* (1928), de Paulo Prado; *O Brasil na história* (1930), de Manoel Bomfim; *Casa-grande & senzala* (1933), de Gilberto Freyre;<sup>41</sup> e 3) porque partem da leitura feita por Antonio Candido em prefácio de 1967, mas impresso só na quinta edição da obra, de 1969.

Neste texto, o então livre-docente em Literatura Brasileira (1945) pela USP afirmou que, junto de *Casa-grande & senzala*, de Freyre, e *Formação do Brasil contemporâneo*, de Caio Prado Jr.,<sup>42</sup> o livro de Sérgio Buarque teria contribuído para renovar a literatura interpretativa da História do país e o apontou como *clássico de nasença*.<sup>43</sup> Tal avaliação serviu para muitos trabalhos que endossaram esta tese e tomaram o prefácio como fio condutor das análises e espécie de guia indissociável à interpretação. E mesmo ante a atual busca por reumanizar autor e obra, ainda há pesquisas que procuram demonstrar o “efeito produzido historicamente pelo clássico ensaio de interpretação histórica”,<sup>44</sup> por meio do argumento de que, quando lançado, o texto foi recebido entusiasticamente, por conta das muitas resenhas saídas à época.

Ora, por mais que as referidas críticas tivessem percorrido periódicos de todo o país, isso não justifica o *status* de clássico. Até porque se tratava de uma prática comum pois os intelectuais e os resenhistas em análise enalteciam mais a renovação cultural do período, relacionada com o *boom* editorial da época, uma vez que

---

<sup>41</sup> PRADO, Paulo. *Retrato do Brasil*: ensaio sobre a tristeza brasileira. São Paulo: Duprat-Mayença, 1928; BOMFIM, Manoel. *O Brasil na história*: deturpação das tradições, degradação política. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1930; FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala*: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.

<sup>42</sup> PRADO JR., Caio. *Formação do Brasil contemporâneo*: colônia. São Paulo: Martins, 1942.

<sup>43</sup> CANDIDO, Antonio. O significado de Raízes do Brasil (prefácio). In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 1).

<sup>44</sup> CARVALHO, Raphael Guilherme. Capítulo da recepção de “Raízes do Brasil”, de Sérgio Buarque de Holanda: leituras contemporâneas à obra (1936-1938). *História e-História*, Campinas, v. 1, 2012, p. 1-24.



*Raízes do Brasil* inaugurava mais uma coleção no mercado. Além disso, a maioria dos críticos eram conhecidos ou, no mínimo, colegas de trabalho de Buarque de Holanda, quando de sua atuação em periódicos. Por isso, parte da atual produção historiográfica aponta a necessidade “de fuga ao marco monumental”,<sup>45</sup> para evitar perspectivas que eclipsam o autor, os demais escritos que produziu e outros momentos de sua trajetória.<sup>46</sup> E apesar de superarem parte da monumentalização naturalizada que se confere recorrentemente ao autor de *Raízes do Brasil*, as pesquisas procuraram compreender os diálogos intelectuais em que Sérgio Buarque se envolveu e mantêm a tônica centrada em análises sobre as obras, onde têm se incluído, preferencialmente, também os textos de *Caminhos e fronteiras* e *Visão do paraíso*. Já o percurso aqui proposto se volta às práticas letradas e experiências que tornaram possível esses produtos finais, que são os livros.

Logo, no caso da cultura historiográfica que informou as lides do ofício e proporcionou o lançamento dos alicerces de certa memória em torno da autoria “Sérgio Buarque de Holanda”, parte-se do pressuposto de que a delimitação mais nítida desses contornos se deu a partir da edição da coleção *História Geral da Civilização Brasileira* (HGCB),<sup>47</sup> publicada pela Difusão Europeia do Livro (Difel) de 1960 a 1984. Pode-se inferir que se tratava da materialização do desafio proposto em 1951 para que

---

<sup>45</sup> EUGÊNIO, João Kennedy. Um horizonte de autenticidade. Sérgio Buarque de Holanda: monarquista, modernista, romântico (1920-1935). In: \_\_\_\_\_; MONTEIRO (orgs.), op. cit., 2008, p. 425.

<sup>46</sup> Cf. CARVALHO, Marcus Vinícius Corrêa. *Outros lados. Sérgio Buarque de Holanda: crítica literária, história e política (1920-1940)*. Tese (Doutorado em História). Campinas: Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 2003; WEGNER, Robert. *A conquista do oeste: a fronteira na obra de Sérgio Buarque de Holanda*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000; GOMES, Ângela de Castro. A dialética da tradição. *Revista brasileira de ciências sociais*, São Paulo, v. 12, n. 5, p. 15-27, 1990; EUGÊNIO, João Kennedy. *Um ritmo espontâneo: o organicismo em Raízes do Brasil & Caminhos e fronteiras*, de Sérgio Buarque de Holanda. Tese (Doutorado em História). Niterói: Universidade Federal Fluminense – UFF, 2010; DUTRA, Eliana de Freitas. Sérgio Buarque de Holanda viajante: o lugar da cultura em *Caminhos e fronteiras*. In: PAIVA, Eduardo França; ANASTASIA, Carla Maria Junho (orgs.). *O trabalho mestiço: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI a XIX*. São Paulo: Annablume / PPGH-UFMG, 2002; NICODEMO, op. cit., 2008.

<sup>47</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de; FAUSTO, Boris (orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1960-1984.

a História do Brasil fosse escrita com a participação de diferentes especialistas. Some-se a isso o fato de que foi o próprio Sérgio Buarque o coordenador inicial do projeto, quando não ocupava mais o cargo de historiógrafo do Museu Paulista e atuava como professor catedrático da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da USP.

Além disso, a coleção HGCB corresponde a um conjunto de outros livros pouco analisados em que Buarque de Holanda se envolveu. Nada surpreende, portanto, o fato de até o momento não ter sido mote de estudo intensivo e sistemático. Na realidade, há apenas dois artigos de destaque que, ou não tomam a coleção como um todo antes de centrar-se no período correspondente à coordenação do empreendimento por Sérgio Buarque<sup>48</sup> ou enfatizam análises intertextuais do volume *Do Império à República*, relegando ao segundo plano sua inserção no projeto editorial da Difel.<sup>49</sup>

Portanto, com interesse simultâneo nas contingências, parte da divulgação, certa repercussão, embates e polêmicas no e em torno do empreendimento editorial da Difel, este estudo tenciona se inscrever no conjunto da produção acadêmica que tem se intitulado *História da cultura escrita*.<sup>50</sup> Isso porque busca na narrativa um entrelaço de tantos elementos quantos forem possíveis, para interpretar o conjunto de forças (individuais, coletivas, de circunstância) que atuam na comunicação impressa das sociedades. Logo, o horizonte de tal esforço almeja dialogar e fazer incursões analíticas por intermédio do *modus operandi* desta que também é denominada *Histoire du livre*.

O principal objetivo é analisar parte do tecido social dos relacionamentos (pessoais, institucionais e/ou editoriais) de Sérgio Buarque de Holanda, para problematizar os componentes

---

<sup>48</sup> NICODEMO, Thiago Lima. A herança colonial: Sérgio Buarque de Holanda e a *História Geral da Civilização Brasileira*. In: *I Seminário Brasileiro sobre o livro e a história editorial*. Rio de Janeiro: Anais, 2004, p. 3. Disponível em: <<http://www.livrohistoriaeditorial.pro.br/pdf/thiagolimanicodeмо.pdf>>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2013.

<sup>49</sup> ASSIS, Arthur. A teoria da história com hermenêutica da historiografia: uma interpretação de *Do Império à República*, de Sérgio Buarque de Holanda. *Revista brasileira de história*, São Paulo, v. 30, n. 59, p. 91-120, jan./jun. 2010.

<sup>50</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: EDUnB, 1994.

da cultura escrita, em particular historiográfica, responsáveis pela elaboração de um processo de monumentalização que o fez se tornar um historiador canônico. Por isso, além das práticas letradas e dos projetos editoriais, não se excluem incursões na análise das homenagens realizadas por ocasião de sua morte em 1982. Contudo, o destaque recai sobre o período de 1960, pois é o ano da publicação do primeiro volume da HGCB, até 1972, quando Sérgio Buarque de Holanda deixou de coordenar a coleção, após a impressão da obra *Do Império à República*.<sup>51</sup>

Nos objetivos específicos existe a intenção de caracterizar a faceta política deste historiador para compreender os limites e em que medida sua escrita e ações públicas podem ser identificadas como combativas aos sucessivos regimes de força vivenciados no país, em especial após o golpe civil-militar de 1964; abordar as possíveis junções e disjunções dos intelectuais com as autoridades políticas constituídas, com os editores, seus pares etc.; e refletir sobre o ato editorial, a produção, os usos sociais, a circulação, as formas como foram apropriados e a recepção dos impressos referentes à HGCB.

As fontes históricas mobilizadas compreendem desde os próprios livros da HGCB, tomados como documentação, mas passam em igual medida por acervos mais diretamente ligados às pessoas e instituições próximas ao projeto editorial da Difel. Em observância ao período do falecimento de Sérgio Buarque, também a documentação oriunda da imprensa em forma de pronunciamentos de despedida, necrológios e testemunhos sobre sua trajetória crescem em importância. Até porque, pelos anos das décadas de 1970 e 1980, o governo brasileiro, ainda sob a égide de um regime autoritário, vigiava cidadãos considerados perigosos ou suspeitos ante a noção de Segurança Nacional. Sérgio Buarque de Holanda não escapou disso, e tal circunstância leva à interessante utilização de alguns documentos de caráter confidencial, de modo a perceber quais olhares os agentes de órgãos repressivos lançaram sobre o autor.

---

<sup>51</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira: do Império à República*. São Paulo: Difel, 1972, t. II, v. 5.

Além desse universo de fontes, quando as discussões se voltam mais à escrita da História e às trocas intelectuais de Sérgio Buarque de Holanda, os documentos usados remetem à correspondência, ativa e passiva, do diretor da coleção HGCB com os potenciais colaboradores do empreendimento editorial da Difel, bem como aos debates em que se envolveu no diálogo com outros intelectuais por meio de publicações em periódicos. O grosso desse material encontra-se, justamente, no *Fundo Sérgio Buarque de Holanda* (SBH), localizado junto ao acervo do Arquivo Central da Unicamp.

Também foram consultados o Arquivo Nacional (AN), a Biblioteca Nacional (BN), o Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV), o Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) e o Centro de Apoio à Pesquisa em História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (CAPH-FFLCH). Por meio de tais fontes é possível vislumbrar o processo final de monumentalização do cânone Sérgio Buarque de Holanda, historiador, pois não são tomadas como meras vias de acesso ao passado: se compreende aqui o real não só como “a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a visa, na historicidade de sua produção e nas estratégias de sua escritura”<sup>52</sup>

Salvaguardadas pressões conjunturais de natureza diversa e em cotejo com a ação individual, pode-se dizer que Sérgio Buarque realizou o plano geral da coleção HGCB e convidou os autores. Com isso, constituiu em torno de si importantes *sociabilidades intelectuais*, compreendidas como “espaço de constituição de uma rede organizacional (que pode ser mais ou menos formal/institucional) e como um microcosmo das relações afetivas (de aproximação e/ou de rejeição)”<sup>53</sup> inerente às experiências históricas das próprias personagens e dos mecanismos que as tornam concebíveis. Mesmo porque foi esta

---

<sup>52</sup> CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2002, p. 56.

<sup>53</sup> GOMES, Ângela de Castro. Em família: a correspondência entre Oliveira Lima e Gilberto Freyre. In: \_\_\_\_\_ (org.), op. cit., 2004, p. 52-53.

mesma “geometria variável”,<sup>54</sup> que posteriormente asseguraria posição de destaque a Sérgio Buarque como cânone junto à historiografia brasileira.

Por si só, seus atos de estruturar a coleção e convidar os colaboradores permitem ao estudo mapear parte dos passos e refletir acerca das vicissitudes biográficas do organizador da HGCB, “à luz de um contexto que as torne possíveis”,<sup>55</sup> sempre alerta ao risco de certa *ilusão biográfica*<sup>56</sup> e contrário ao reducionismo comportamental, muitas vezes conferido à trajetória das personagens históricas. Bem entendido está o quão animado se encontra o presente estudo pelas discussões questionadoras da ideia de coerência na vida humana, pois o intento visa lançar mão de aspectos biográficos mais com o fito de esclarecer tessituras das redes de sociabilidade nas quais a trajetória de Sérgio Buarque deixou rastros do que tecer-lhe uma biografia no sentido tradicional do termo. Interessa antes seus itinerários e as configurações advindas daí, para tentar vislumbrar um Buarque de Holanda mais real que ideal e mais humano e com sangue nas veias do que a imagem de um intelectual cristalizado ou talhado em mármore.

Considerados esses pontos, no primeiro capítulo, intitulado “A morte de Sérgio Buarque de Holanda e as homenagens póstumas: monumentalização intelectual, política, história e memória”, toma-se o luto como ponto de partida para a análise da instância micro das homenagens póstumas em cotejo com a configuração macro do momento vivenciado pela sociedade brasileira.

No seguinte, denominado “Coleção História Geral da Civilização Brasileira (HGCB): organização interna, especialização acadêmica, disputas letradas e editoriais”, busca-se compreender como a HGCB foi planejada na década de 1950, em qual ambiente de reflexão emergiu o projeto, suas dificuldades, como foram as escolhas, quem eram ou de onde

---

<sup>54</sup> SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / FGV, 1996, p. 242.

<sup>55</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p. 176.

<sup>56</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA; AMADO (orgs.), op. cit., 2005.

vinham os colaboradores ao longo dos anos 1960-1970 e como se davam suas trocas intelectuais.

O terceiro capítulo, “Estratégias de distinção e as marcas indelévels dos livros: concorrências, recepção, polêmicas e apropriações da HGCB”, procura mostrar as formas encontradas pelo projeto editorial da Difel para se diferenciar dos modelos de coleção precedentes e/ou contemporâneas, bem como demonstrar as críticas iniciais e as leituras que o empreendimento recebeu.

O último capítulo adentra noutras críticas e debates historiográficos mais significativos que a coleção suscitou, com uma incursão de caráter mais intertextual, de modo a inventariar as polêmicas, as disputas, os autores e a documentação histórica mobilizada nesses escritos para narrar o passado do Brasil monárquico, quando Sérgio Buarque de Holanda deixa de coordenar o projeto editorial. Por isso, recebeu o nome de “Do Império à República e o término da fase Buarqueana: renovação de teses, embates finais, democracia e civilização”.

Por fim, cabe a ressalva de que procurar compreender o peculiar regime de trocas letradas da *intelligentsia* brasileira por meio dos textos de ou vinculados a Sérgio Buarque é quase o mesmo que tentar conhecer um escritor apenas por intermédio de um dos livros publicados sob sua autoria e aquiescência. De fato, ambos constituem partes pequenas da atividade total de um país ou de um indivíduo, mas, tratados em cotejo, podem ser muito reveladores, pois somente assim é possível inferir sobre a atuação das personagens históricas. Entretanto, tal incursão em tempos passados só parece viável na medida em que as formas de expressão e alguns traços dessas práticas sobrevivem nos registros documentais, como aqui se defende ser o caso dos intelectuais, impressos e instituições que, em vida ou na morte, partiram do nome de Sérgio Buarque de Holanda e da coleção HGCB ou para eles convergiram.